



Passageiro é colocado em isolamento

Brasileiro que passou pela África do Sul desembarca em Guarulhos e testa positivo para covid-19 em seguida. Não há confirmação se o caso é da variante ômicron. Análise laboratorial ficará pronta em até cinco dias

» FERNANDA STRICKLAND

Miguel Schincariol/AFP - 26/5/20



A Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) identificou ontem um passageiro brasileiro, vindo da África do Sul, que testou positivo para covid-19. Ele desembarcou em Guarulhos no sábado, em um voo da Ethiopian Airlines. No mesmo dia, a agência havia recomendado o fechamento as fronteiras com mais quatro países, além da própria África do Sul, de Botsuana, de Suazilândia, de Lesoto, da Namíbia e do Zimbábue. A portaria proibindo a entrada de viajantes desses países entra em vigor hoje.

Não há confirmação se o caso é da variante ômicron. O sequenciamento genético para a identificação da cepa do vírus está sendo feito pelo Instituto Adolfo Lutz, e a previsão é que a análise fique pronta em até cinco dias.

A Anvisa afirma que está fiscalizando e exigindo, por meio de portaria interministerial, que o viajante apresente exame PCR negativo para covid-19 realizado em, no máximo, 72 horas antes do voo internacional (na origem do voo). O passageiro em questão chegou ao Brasil com teste negativo, assintomático. Após o desembarque, no entanto, a Anvisa foi informada às 21h12 de sábado sobre o resultado positivo do novo teste de RT-PCR, realizado pelo laboratório localizado no aeroporto de Guarulhos. Segundo a agência, diante do resultado, notificou o Centro de Informações Estratégicas em Vigilância em Saúde (CIEVS) nacional, estadual e municipal, às 1h07 de ontem. A vigilância epidemiológica do Município de Guarulhos também foi acionada para acompanhamento do caso.

O passageiro em questão chegou ao Brasil com teste negativo, assintomático e, ao desembarcar, deu positivo após novo PCR

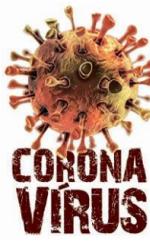
O paciente, que já está em isolamento, tem esquema vacinal completo. É um homem de 29 anos, morador de Guarulhos, que veio da Etiópia, está em casa e tem apenas sintomas leves da doença.

Fronteiras fechadas

O governo brasileiro decidiu, na sexta, tomar providências em relação à nova variante da covid-19, horas depois dos alertas da Anvisa e do Ministério da Saúde. A Portaria Interministerial nº 660 proibiu voos com destino ao Brasil que tenham origem ou passagem pelos países africanos. De acordo com a norma

vigente, o viajante brasileiro procedente ou com passagem pelos países citados nos últimos 14 dias antes do embarque, ao ingressar no território brasileiro, deverá permanecer em quarentena por duas semanas na cidade de destino.

A Anvisa reforça que realiza a triagem em aeroportos brasileiros desde o início da pandemia, a fim de adotar as ações de prevenção e promoção da saúde nos casos de identificação de viajantes infectados pelo



Sars-Cov-2. Mas reitera que não cabe ao órgão estabelecer ou monitorar a quarentena dos infectados ou de seus contactantes.

Principal arma

O ministro da Saúde, Marcelo Queiroga, afirmou, ontem, que a principal arma para enfrentar a nova variante é a campanha de imunização. Segundo ele, o Brasil está muito bem nesta parte. "Já distribuímos mais de 372 milhões de doses de vacinas, das quais 308 milhões foram

aplicadas", disse, em live no Instagram.

Os secretários Rodrigo Cruz (secretaria-executiva), Arnaldo Medeiros (Vigilância em Saúde) e Sérgio Okane (Atenção Especializada à Saúde) participaram da live com o ministro e reforçaram a importância da vacinação. Arnaldo Medeiros disse que "é extremamente importante que mantenhamos foco na campanha de vacinação, com a utilização de medidas não-farmacológicas, evitando aglomerações fúteis".

Para Queiroga, a ômicron preocupa, mas não é necessário desespero da população. "A



Estamos nos aproximando das festas de fim de ano, é uma boa oportunidade para confraternização das famílias, evitando grandes eventos em massa, porque ainda temos uma pandemia"

Marcelo Queiroga,
ministro da Saúde

variante tem causado atenção das autoridades sanitárias do mundo todo e aqui no Brasil também. Gostaria de tranquilizar os brasileiros, porque os cuidados com essa variante são os mesmos cuidados com as outras", disse.

"Estamos nos aproximando das festas de fim de ano, é uma boa oportunidade para confraternização das famílias, evitando grandes eventos em massa, porque ainda temos uma pandemia. Ficou bem mais controlada graças ao esforço do SUS, mas sabemos que só estaremos seguros quando todos estiverem vacinados", ressaltou o ministro.

» Entrevista | Bergmann Ribeiro | Virologista e professor da Universidade de Brasília (UnB)

"Um aumento de casos é esperado no Brasil"

Qual a diferença da nova variante em relação às outras?

Essa variante tem mais modificações (mutações) no gene da proteína spike do que as outras "variantes de preocupação". Essas mutações (mais de 30) incluem algumas presentes nas outras variantes de preocupação, que estão envolvidas na maior transmissibilidade e no menor reconhecimento dos anticorpos produzidos por infecções anteriores e gerados pelas vacinas baseadas na proteína spike.

Qual a diferença entre a ômicron e a delta?

A principal diferença é o número de mutações na proteína spike. Além disso, como ela está dominando uma região em que a variante delta estava circulando, significa que tem um potencial de transmissão maior, que já é acima das outras variantes.

Quais os principais perigos que a ômicron traz?

Como essa proteína spike é a base para a produção das principais vacinas disponíveis no mundo, as mutações acarretam uma mudança na estrutura do vírus.

Com isso, os anticorpos produzidos pela vacinação e por infecções anteriores por outros vírus podem não neutralizar essa variante nova, resultando em um aumento de reinfeções.

Neste contexto de pandemia, o que a ômicron tem de diferente? Ela é mais perigosa?

Como essa variante foi descoberta muito recentemente, ainda não sabemos se causa uma doença mais severa.

O que já se sabe desta variante ômicron?

Até o momento, sabe-se que a variante aparenta ser mais contagiosa do que a delta e que foi detectada principalmente no sul do continente africano. Entretanto, novos relatos estão sendo feitos em diferentes países, inclusive da Europa.

Neste contexto de pandemia, é normal surgir novas variantes?

É uma questão de tempo, pois os vírus produzem variantes a todo momento. Quando um vírus infecta um hospedeiro (animal, por exemplo), ele vai

Ed Alves/CB/D.A Press



"Existem relatos de que a variante não induz sintomas graves"

se reproduzir nas células, gerando cópias com pequenas modificações (mutações). Essas mutações podem ajudar ou prejudicar o vírus. As mutações que ajudam a produzir mais vírus são fixadas no genoma e

as modificações que prejudicam o vírus são eliminadas. Logo, os vírus estão em contínua produção de variantes se adaptando ao hospedeiro. Um exemplo disso são os vírus da gripe, que precisam ser monitorados

constantemente para o surgimento de novas variantes. Outro exemplo é o vírus HIV, que também produz variantes e vem se adaptando aos pacientes que tomam medicamentos para combatê-los. Várias drogas que antes eram usadas para tratamento do HIV não funcionam mais porque o vírus sofreu mutações e a droga não consegue mais se ligar ao vírus e ter seu efeito.

Com essa nova variante, é possível que, chegando ao Brasil, o número de casos e de mortes aumente?

Como essa nova variante parece ser mais transmissível, um aumento de casos é esperado. Entretanto, o Brasil tem uma cobertura vacinal maior do que muitos países. Acredito que a probabilidade de aumento de mortes e casos graves não se concretize. Existem relatos iniciais de que essa variante não induz sintomas graves. Nós ainda não conhecemos a fundo a capacidade de infecção dessa nova variante.

Como o senhor vê a chegada dessa nova variante, diante da flexibilização que o Brasil tem feito para as medidas restritivas? Não seria um

momento de dar uma "freada"?

Não podemos achar que a pandemia acabou, pois o surgimento dessa nova variante e o aumento dos casos nos países da Europa estão aí para provar o contrário. Logo, é muito importante termos ciência de que não podemos nos comportar da mesma forma que estávamos acostumados antes da pandemia. Alguns comportamentos, como lavar as mãos constantemente, uso de máscaras e distanciamento social, mostraram-se efetivos para diminuição da transmissão de diversas doenças. O distanciamento social deve ainda fazer parte da nossa rotina por algum tempo. Nossos gestores precisam avaliar a situação com cautela, ouvindo diferentes especialistas antes de aumentar a flexibilização. Esse vírus veio para ficar na população humana. Ele se tornará endêmico e precisamos aprender a conviver com ele. Não podemos deixar de investir em educação, saúde e ciência. Só com um povo instruído poderemos combater a desinformação e enfrentar os desafios de se viver em um mundo muito desigual. (FS)